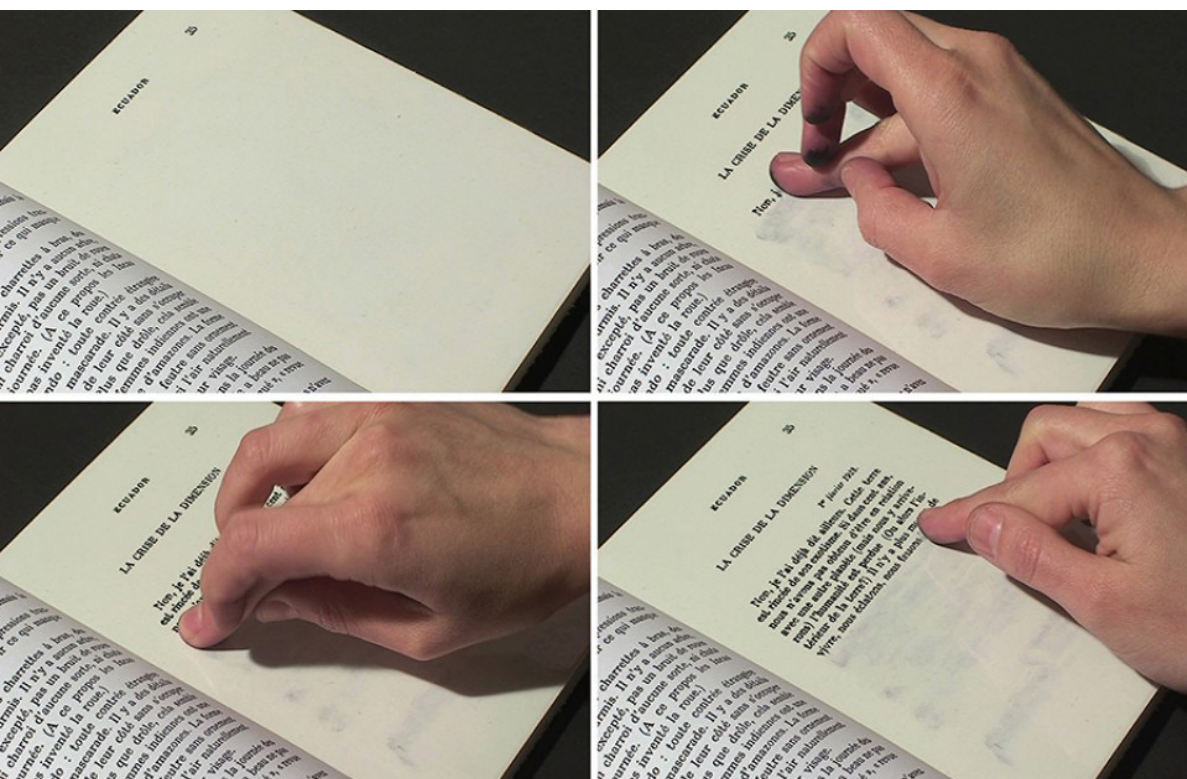


ARTE E DESCOLONIZAÇÃO

#3
2019

O MASP e a Afterall — centro de pesquisa dedicado à arte contemporânea e às histórias das exposições — estabeleceram uma parceria de estudos sobre o tema arte e descolonização. A iniciativa pretende questionar as narrativas oficiais e a configuração eurocêntrica do mundo da arte como uma história totalizante, produzindo também novas leituras sobre acervos e coleções de museus e exposições, por meio de workshops e seminários, além de publicações de artigos. O projeto aborda o surgimento de novas práticas artísticas e curatoriais, que questionam e criticam explicitamente os legados coloniais na arte, na curadoria e na produção de crítica de arte. Pretende-se que os eventos promovidos por esta parceria do MASP e da Afterall estimulem novas discussões e pesquisas sobre descolonização, decolonialidade e estudos pós-coloniais.



ESTEFANIA PEÑAFIEL LOAIZA
*Cartographie1. the crisis
of dimension*, 2010
Cortesia da artista

Uma breve história dos estudos decoloniais

PABLO QUINTERO, PATRICIA FIGUEIRA
E PAZ CONCHA ELIZALDE

1. Uma versão anterior mais extensa deste trabalho foi publicada sob a autoria do Grupo de Estudios Sobre la Colonialidad (gesco), no número 6 de *Kula: Revista de Antropología y Ciencias Sociales*. Além de condensar o original, a presente versão atualiza algumas publicações e referências até 2015.

2. ESCOBAR, Arturo. *Más allá del Tercer Mundo. Globalización y diferencia*. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia—Universidad del Cauca, 2005.

INTRODUÇÃO¹

Desde o final da década de 1990, com as pesquisas de Aníbal Quijano (1928-2018) sobre a colonialidade, um conjunto de estudos passou a ser articulado que, a partir de então, tem procurado retomar uma série de problemáticas histórico-sociais que eram consideradas encerradas ou resolvidas nas ciências sociais latino-americanas. A revisão da constituição histórica da modernidade e de suas transformações na América Latina foi o nodo a partir do qual essas questões se articularam, à luz da categoria *colonialidade* como o reverso da modernidade. A posterior configuração daquilo que Arturo Escobar² chamou de projeto Modernidade/ Colonialidade/ Decolonialidade (MCD) resultou no aprofundamento e na expansão sistemática dessas linhas. Assim, as formulações iniciais sobre tais temas se multiplicaram e se estenderam para além das fronteiras americanas, tornando-se paulatinamente tema de debate e uma categoria de uso comum. Já são muito numerosos os profissionais de diversas disciplinas que se dedicam ao trabalho sobre a colonialidade e seus correlatos, e também se registra a presença crescente de coletivos e grupos de discussão, pesquisa e prática, bem como de centros e institutos de pesquisa em torno desses assuntos.

Em muitos casos, essa tendência em expansão conflui com outras tradições críticas que têm genealogias e interesses distintos, como os estudos subalternos e os estudos pós-coloniais. No entanto, apesar das semelhanças perceptíveis à primeira vista, é preciso diferenciar essas tendências. Costuma-se associar o nome de Edward Said (1935-2003) à fundação de ambos os conjuntos de crítica, mas, apesar da influência que o intelectual e ativista palestino exerceu sobre

3. GROSFOGUEL, Ramón. "La descolonización de la economía política y los estudios postcoloniales: transmodernidad, pensamiento fronterizo y colonialidad global". *Tabula Rasa*, n. 4, 2006, pp. 17-48.

4. MIGNOLO, Walter. "Cambiando las éticas y las políticas del conocimiento: lógicas de la colonialidad y poscolonialidad imperial". *Tabula Rasa*, n. 3, 2005, pp. 47-72.

5. Não há consenso quanto ao uso do conceito decolonial/ descolonial, ambas as formas se referem à dissolução das estruturas de dominação e exploração configuradas pela colonialidade e ao desmantelamento de seus principais dispositivos. Aníbal Quijano, entre outros, prefere referir-se à *descolonialidad*, enquanto a maior parte dos autores utiliza a ideia de *decolonialidad*. Segundo Catherine Walsh (WALSH, Catherine (org.). *Interculturalidad, Estado, sociedad: luchas (de)coloniales de nuestra época*. Quito, Universidad Andina Simón Bolívar–Abya-Yala, 2009.), a supressão do "s" não significa a adoção de um anglicismo, mas a introdução de uma diferença no "des" castelhano, pois não se pretende apenas desarmar ou desfazer o colonial.

6. ESCOBAR, Arturo. *Op. cit.*

elas, Said nunca se ligou diretamente a suas produções, reconhecendo suas contribuições, mas mantendo suas próprias reflexões a uma distância prudente. Por um lado, os estudos subalternos inaugurados na Índia pelas pesquisas de Ranajit Guha, com forte influência do marxismo gramsciano, constituíram durante a década de 1980 uma importante contribuição para a crítica do eurocentrismo e das dinâmicas gerais do colonialismo. Não obstante, a continuação dos trabalhos de Guha nos estudos subalternos não representou uma tentativa de crítica e decolonização a partir e com os subalternos, mas, antes, sobre os subalternos, o que acabou por reduzi-los a uma cópia servil dos estudos de área institucionalizados nos Estados Unidos.³ Os estudos pós-coloniais, por sua vez, são oriundos de importantes centros de produção acadêmica do chamado "primeiro mundo" e surgiram com uma forte influência do pós-modernismo e do pós-estruturalismo, mais focados, portanto, na análise do discurso e da textualidade. Com êxito editorial maior que o de outras correntes críticas nesses centros mundiais de enunciação, o pós-colonialismo teve, também desde os anos 1990, uma forte influência na produção intelectual periférica, sempre atenta ao discurso dominante.⁴

Essas diferenças entre os estudos subalternos, o pós-colonialismo e a decolonialidade⁵ não acarretam necessariamente um empecilho à sua articulação, pois o uso conjunto dessas aproximações, longe de criar obstáculos à análise da colonialidade, em alguns casos a potencializa, graças à presença e integração de outros instrumentos analíticos e de tradições críticas que podem auxiliar na compreensão de suas dinâmicas. Feitas as devidas ressalvas, com *estudos decoloniais* nos referimos aqui ao conjunto heterogêneo de contribuições teóricas e investigativas sobre a colonialidade. O que cobre tanto as revisões historiográficas, os estudos de caso, a recuperação do pensamento crítico latino-americano, as formulações (re)conceitualizadoras, como as revisões e tentativas de expandir e revisar as indagações teóricas. É um espaço enunciativo⁶ não isento de contradições e conflitos, cujo ponto de coincidência é a problematização da colonialidade em suas diferentes formas, ligada a uma série de premissas epistêmicas compartilhadas.

MODERNIDADE, COLONIALIDADE, DECOLONIALIDADE

Os estudos decoloniais compartilham um conjunto sistemático de enunciados teóricos que revisitam a questão do poder na modernidade. Esses procedimentos conceituais são: 1. A localização das origens da modernidade na conquista da América e no controle do Atlântico pela Europa, entre o final do século 15 e o início do 16, e não no Iluminismo ou na Revolução Industrial, como é comumente aceito; 2. A ênfase especial na estruturação do poder por meio do colonialismo e das dinâmicas constitutivas do sistema-mundo moderno/capitalista e em suas formas específicas de acumulação e de exploração em escala global; 3. A compreensão da modernidade como fenômeno planetário constituído por relações assimétricas de poder, e não como fenômeno simétrico produzido na Europa e posteriormente estendido ao resto do mundo; 4. A assimetria das relações de poder entre a Europa e seus outros representa uma dimensão constitutiva da modernidade e, portanto, implica necessariamente a subalternização das práticas e subjetividades dos povos dominados; 5. A subalternização da maioria da população mundial se estabelece a partir de dois eixos estruturais baseados no controle do trabalho e no controle da intersubjetividade; 6. A designação do eurocentrismo/ocidentalismo como a forma específica de produção de conhecimento e subjetividades na modernidade.

A categoria *colonialidade do poder*, proposta por Quijano para nomear o padrão de dominação global que se constitui como a face oculta da modernidade, é a noção central que entrelaça as operações epistêmicas anteriores. Noção que permite nomear a matriz de poder própria da modernidade, que impregna desde sua fundação cada uma das áreas da existência social humana. A colonialidade do poder configura-se com a conquista da América, no mesmo processo histórico em que tem início a interconexão mundial (globalidade) e começa a se constituir o modo de produção capitalista. Esses movimentos centrais têm como principal consequência o surgimento de um sistema inédito de dominação e de exploração social, e com eles um novo modelo de conflito. Nesse cenário histórico geral, a colonialidade do poder configura-se a partir da conjugação de dois eixos centrais. De um lado, a organização de um profundo sistema de dominação cultural que controlará a produção e a reprodução de subjetividades sob a égide do eurocentrismo e da racio-

7. QUIJANO, Aníbal. "Colonialidad del poder y clasificación social". In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón (orgs.). *El giro Decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémicamás allá del capitalismo global*. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana / Siglo del Hombre, 2007, pp. 93-126.

8. QUIJANO, Aníbal. "Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina". In: LANDER, Edgardo (org.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2000, pp. 203-241.

9. QUINTERO, Pablo. "Notas sobre la teoría de la colonialidad del poder y la estructuración de la sociedad en América Latina". *Papeles de Trabajo*, n. 19, Rosario, 2010, pp. 3-18.

nalidade moderna, baseado na classificação hierárquica da população mundial.⁷ De outro, a conformação de um sistema de exploração social global que articulará todas as formas conhecidas e vigentes de controle do trabalho sob a hegemonia exclusiva do capital.⁸ Nesse sentido, a colonialidade do poder, tal como foi conceitualizada por Quijano, é a chave analítica que permite visualizar o espaço de confluência entre a modernidade e o capitalismo, bem como o campo formado por essa associação estrutural. É justamente nesse campo de confluência e conjunção que se veem afetadas, de modo heterogêneo porém contínuo, todas as áreas da existência social, tais como a sexualidade, a autoridade coletiva e a "natureza", além, é claro, do trabalho e da subjetividade.⁹

Tudo isso pressupõe a existência de uma matriz colonial do poder na trama social que constitui a história da América Latina, um sistema ordenador e acumulativo das relações sociais e da disposição do poder. Com a emancipação latino-americana no início do século 19, iniciou-se um processo de descolonização parcial, já que as repúblicas conseguiram livrar-se do peso da dominação política das metrópoles, mas a colonialidade e seus principais efeitos continuaram a ordenar essas sociedades, produzindo-se, com o passar do tempo, diversas estruturas sociais de matriz colonial. É claro que o colonialismo como fenômeno histórico precede e origina a colonialidade enquanto matriz de poder, mas a colonialidade sobrevive ao colonialismo.

A colonialidade, em seu caráter de padrão de poder, acarretou profundas consequências para a constituição das sociedades latino-americanas, pois assentou a conformação das novas repúblicas, modelando suas instituições e reproduzindo nesse ato a dependência histórico-estrutural. Impondo a reprodução, subsumida ao capitalismo, das demais formas de exploração do trabalho, desenvolveu-se um modelo de estratificação sociorracial entre "brancos" e as demais "tipologias raciais" consideradas inferiores. Embora em cada uma das diversas sociedades os setores brancos fossem uma reduzida minoria do total da população, eles exerceram a dominação e a exploração das majorias de indígenas, afrodescendentes e mestiços que habitavam as repúblicas nascentes. Esses grupos majoritários não tiveram acesso ao controle dos meios de produção e foram forçados a subordinar a produção de suas subjetividades à imitação dos modelos culturais europeus. Em outras palavras, a colonialidade do poder tornou historicamente impossível uma

10. LANDER, Edgardo (org.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

11. MALDONADO-TORRES, Nelson. "Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto". In: Santiago CASTRO-GÓMEZ; Ramón GROSFUGUEL (orgs.). *El giro Decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana–Siglo del Hombre, 2007, pp. 127-67

real democratização nessas nações. Por isso a história latino-americana se caracteriza pela parcialidade e precariedade dos Estados-nação, assim como pelo conflito inerente a suas sociedades.

OS ESTUDOS DECOLONIAIS

O desenvolvimento dos estudos decoloniais tem seguido, até agora, sobretudo dois caminhos. O primeiro está relacionado ao crescimento e à expansão do arcabouço conceitual e teórico da decolonialidade. Tomando como referência a categoria colonialidade do poder, expandiu-se a utilização do substantivo colonialidade para aplicá-lo a outras dimensões e campos que, a despeito de sua articulação com o fenômeno do poder, costumam ser tratados como áreas diferenciadas. Isto levou à proposição de quatro conceitos principais, a saber: colonialidade do saber, do ser, da natureza e do gênero. O primeiro foi tratado com certa sistematicidade na compilação de Edgardo Lander.¹⁰ A *colonialidade do saber* estaria representada pelo caráter eurocêntrico do conhecimento moderno e sua articulação às formas de dominação colonial/imperial. Essa categoria conceitual refere-se especificamente às formas de controle do conhecimento associadas à geopolítica global traçada pela colonialidade do poder. Nesse sentido, o eurocentrismo funciona como um *locus* epistêmico de onde se constrói um modelo de conhecimento que, por um lado, universaliza a experiência local europeia como modelo normativo a seguir e, por outro, designa seus dispositivos de conhecimento como os únicos válidos.

O vínculo específico entre conhecimento e poder também se apoia na eficácia naturalizadora da construção discursiva dos saberes sociais modernos, legitimando assim as atuais relações assimétricas de poder.

A *colonialidade do ser*, proposta por Nelson Maldonado-Torres,¹¹ entende a modernidade como uma conquista permanente na qual o constructo "raça" vem justificar a prolongação da não ética da guerra, que permite o avassalamento total da humanidade do outro. O autor aponta a relação entre a colonialidade do saber e do ser, sustentando que é a partir da centralidade do conhecimento na modernidade que se pode produzir uma desqualificação epistêmica do outro. Tal desqualificação representa uma tentativa de negação ontológica. A colonialidade do ser como categoria analítica viria revelar o *ego conquirio* que antece-

12. DUSSEL, Enrique. *El encubrimiento del otro. Hacia el origen del mito de la modernidad*. Quito: AbyaYala, 1994.

13. ESCOBAR, Arturo.. *Op. cit.*

14. LANDER, Edgardo. "La utopía del mercado total y el poder imperial". *Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales*, v. 8, n. 2, 2002, pp. 51-79. "Los derechos de propiedad intelectual en la geopolítica del saber de la sociedad global". In: WALSH, Catherine; SCHIWY, Freya; CASTRO-GÓMEZ, Santiago (orgs.). *Indisciplinar las ciencias sociales: geopolíticas del conocimiento y colonialidad del poder*. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar – Abya-Yala, 2002, pp. 73-102. "La ciencia neoliberal". *Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales*, v. 11, n. 2, 2005, pp. 35-69.

15. ALIMONDA, Héctor (org.). *La naturaleza colonizada. Ecología política y minería en América Latina*.

Buenos Aires: CLACSO, 2011.

16. CURIEL, Ochy. "Crítica poscolonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista". *Nó-madas*, n. 26, 2007, pp. 92-101.

17. LUGONES, María. "Colonialidad y género: hacia un feminismo descolonial". In: Walter Mignolo (org.). *Género y descolonialidad*. Buenos Aires: Del Signo, 2008, pp. 13-54.

de e sobrevive ao *ego cogito* cartesiano,¹² pois, por trás do enunciado "penso, logo existo", oculta-se a validação de um único pensamento (os outros não pensam adequadamente ou simplesmente não pensam) que outorga a qualidade de ser (se os outros não pensam adequadamente, eles não existem ou sua existência é dispensável). Dessa forma, não pensar em termos modernos se traduzirá no não ser, em uma justificativa para a dominação e a exploração.

A *colonialidade da natureza* procura tratar sistematicamente a questão ecológica, considerando a dimensão ambiental nos padrões de conformação da colonialidade. Embora a "natureza" tenha entrado desde muito cedo na teorização de Quijano, em sua obra e no conjunto de produções do MCD, a questão ecológica permanece marginal e geralmente tratada como um tema lateral das tendências do capitalismo. Um conjunto crescente de trabalhos na perspectiva decolonial tem levado em conta esse debate. O próprio Escobar¹³ é autor de uma série de propostas interessantes a respeito. Vale mencionar aqui os trabalhos de Edgardo Lander,¹⁴ que abordou esses temas associando a colonização da natureza às tendências de globalização do capital e do neoliberalismo e às condições atuais da geopolítica dos saberes hegemônicos. Mais recentemente, Héctor Alimonda¹⁵ ocupou-se de forma individual e coletiva de dar continuidade a essas preocupações, buscando articular a perspectiva decolonial com a ecologia política latino-americana e a história ambiental. As formulações recentes de Alimonda permitiram entender de que maneira a natureza é afetada pela colonialidade, uma vez que esta é vista como um espaço subalterno passível de ser explorado ou modificado conforme as necessidades do regime de acumulação capitalista vigente.

A *colonialidade do gênero* (e da sexualidade) foi certamente uma das questões menos trabalhadas nos estudos decoloniais atuais, apesar dos muitos pontos de contato existentes entre algumas das proposições centrais do MCD, a teoria feminista latino-americana contemporânea e as tendências pós-coloniais. Essa lacuna foi alvo de inúmeras críticas, entre as quais as mais conhecidas são as de Ochy Curiel¹⁶ e Maria Lugones,¹⁷ particularmente a partir das formulações sobre o poder feitas em um dos textos mais difundidos de Quijano.¹⁸ As críticas à perspectiva decolonial apontam sua tendência a não historicizar devidamente as relações modernas de gênero e seus correlatos, chamando a atenção, ao mesmo tempo, para o pequeno tratamento dado a essas

18. QUIJANO, Aníbal. "Colonialidad del poder y clasificación social". *Op. cit.*

19. Idem. "¿Que tal raza!". *Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales*, v. 6, n. 1, 2000, pp. 37-45.

20. PALERMO, Zulma. 2006. "Inscripción de la crítica de género en procesos de descolonización". In: PALERMO, Zulma (coord.). *Cuerpo(s) de mujer: representación simbólica y crítica cultural*. Córdoba: Universidad Nacional de Salta-Ferreya Editor, 2006, pp. 237-65.

21. SEGATO, Rita. No prelo. "Género y colonialidad: en busca de claves de lectura y de un vocabulario estratégico descolonial". In: QUIJANO, Aníbal e NAVARRETE, Julio Mejía (orgs.): *La cuestión descolonial*. Lima: Universidad Ricardo Palma, 2010.

22. MIGNOLO, Walter. "Desprendimiento y apertura. Un manifiesto". In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón (orgs.). *Op. cit.*

23. PALERMO, Zulma. *Op. cit.*

24. DUSSEL, Enrique. *Op. cit.*; *Ética de la liberación en la edad de la globalización y de la exclusión*. México: UAM/Trotta, 1998.

25. MIGNOLO, Walter. *La idea de América Latina. La herida colonial y la opción decolonial*. Barcelona: Gedisa, 2007.

questões nos estudos decoloniais. Não obstante, Quijano já se ocupara desses temas em um trabalho anterior,¹⁹ no qual ele aborda parcialmente as questões que depois serão apresentadas por essas críticas. Contudo, é evidente o esquecimento geral desses temas por parte dos estudos decoloniais até agora. Zulma Palermo²⁰ e Rita Segato²¹ buscaram articular parte das propostas decoloniais visualizando algumas contribuições do feminismo e tentando tecer conexões e redes críticas entre ambos os projetos.

Entre os avanços da expansão teórica, encontram-se também diversas tentativas de recuperar e reatualizar o pensamento crítico latino-americano em linhas críticas e contextos específicos. Embora aqui ainda não se encontrem obras voltadas em sua totalidade a essa questão, é possível, sim, apontar uma tendência transversal nos estudos decoloniais particularmente interessada em revisitar obras do pensamento crítico do "sul" esquecidas em sua época. Esse esforço de rastrear o arquivo analítico subalterno inclui o resgate de obras que vão de Waman Puma²² (1534-1615) a Cornejo Polar (1936-1997),²³ passando por um conjunto muito variado de propostas intelectuais. Nesse marco, a coleção Razón Política, série monográfica publicada por Ediciones del Signo sob a coordenação-geral de Walter Mignolo, abordou, desde seu primeiro número, publicado em 2006, estudos sobre diversas regiões e problemáticas latino-americanas, enfatizando mais a busca de pensamentos alternativos do que o aprofundamento ou o uso da colonialidade como marco teórico.

Por outro lado, a expansão dos estudos decoloniais, além de estar ligada ao crescimento da produção teórica e seus derivados, caracterizou-se pela pesquisa histórica, seja no sentido de marco de processos globais, seja no estudo de casos localmente situados. Enrique Dussel²⁴ foi quem provavelmente desenvolveu, em um variado conjunto de publicações ligadas à sua impecável produção filosófica, as características centrais da colonialidade nas pesquisas históricas. O modelo da colonialidade do poder de Quijano já representava uma compreensão histórica dos processos centrais do sistema-mundo, mas alguns dos trabalhos de Dussel mencionados aprofundam essa visão geral. Em uma de suas obras recentes, Walter Mignolo²⁵ investiga na história específica da América Latina os processos de constituição da colonialidade do poder, enfatizando especialmente a construção das sempre esquivas identidades latino-americanas.

26. CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *La hybris del punto cero: ciencia, raza e ilustración en la Nueva Granada (1750-1816)*. Bogotá: PUJ, 2007.

27. Id. *Tejidos oníricos: movilidad, capitalismo y biopolítica en Bogotá (1910-1930)*. Bogotá: PUJ, 2009.

28. Id. "Michel Foucault y la colonialidad del poder". *Tabula Rasa*, n. 6, 2007.

29. ORTIZ FERNÁNDEZ, Carolina. *Procesos de descolonización del imaginario y del conocimiento en América Latina*. Lima: UNMSM, 2004.

30. WALSH, Catherine. *Interculturalidad, Estado, sociedad: luchas (de) coloniales de nuestra época*. Quito: UASB / Abya-Yala, 2009.

31. ESCOBAR, Arturo. *La invención del Tercer Mundo*. Bogotá: Norma, 1998.

32. CORONIL, Fernando. *El Estado Mágico: Naturaleza, dinero y modernidad en Venezuela*. Caracas: UCV/Nueva Sociedad, 2002.

33. QUIJANO, Aníbal. "La nueva heterogeneidad estructural de América Latina". *Hueso Húmero*, n. 26, 1990; *La economía popular y sus caminos en América Latina*. Lima: Mosca Azul, 1998.

34. ESCOBAR, Arturo. *Op. cit.*

Na linha dos estudos historiográficos específicos, Santiago Castro-Gómez procurou esmiuçar os percursos próprios da colonialidade do poder em espaços locais, procurando visualizar os processos de constituição da colonialidade e descobrir como se dá sua articulação com outras forças, em alguns casos de escala global. O autor realiza esse esforço voltando-se, primeiro, para a Nova Granada entre meados do século 18 e início do 19²⁶ e, depois, para a cidade de Bogotá nas primeiras décadas do século 20.²⁷ Nas pesquisas em que tenta estabelecer conexões entre as ideias centrais de Quijano e o método foucaultiano,²⁸ o filósofo colombiano encontra uma colonialidade que se articulou com diferentes dispositivos históricos de poder/ saber. Em outros estudos de caso, a dimensão histórica não é necessariamente o fio condutor das indagações. Aqui caberia mencionar o número cada vez maior de trabalhos sobre movimentos sociais e alternativas de vida realizados, entre outros, por Carolina Ortiz Fernández²⁹ e Catherine Walsh,³⁰ que recolhem as trajetórias de coletivos humanos historicamente subordinados pela colonialidade. Tais trabalhos não representam exclusivamente uma descrição das características distintivas da dominação e da exploração a que essas populações foram submetidas, mas tentam, além disso, recriar suas estratégias e alternativas de sobrevivência.

Esta é apenas uma parte dos estudos decoloniais realizados ou em curso em que estão envolvidos tanto os autores mencionados como outros também comprometidos com a mesma perspectiva. Em alguns casos, podemos visualizar um conjunto de importantes contribuições que, apesar de não estarem explicitamente identificadas com os estudos decoloniais ou não recorrerem a parte de seu arcabouço teórico-conceitual, partem de um lugar de enunciação com profundas semelhanças. É o caso do notável livro de Escobar³¹ que desconstrói o discurso do desenvolvimento a partir de uma crítica radical da modernidade. Também poderíamos citar a célebre obra de Fernando Coronil³² que é muito provavelmente a mais importante história contemporânea da Venezuela escrita até o presente, de um ponto de vista "pós-ocidentalista", como o próprio Coronil reconhece em seu texto.

Excluindo as clássicas pesquisas de Quijano sobre a dimensão da economia³³ e as de Escobar sobre desenvolvimento,³⁴ os temas que giram em torno do trabalho como âmbito básico de existência social foram pouco abordados pela perspectiva decolonial. Contudo, novas indagações sobre esse aspecto

35. MARAÑÓN, Boris. *Solidaridad económica y potencialidades de transformación en América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2013.

36. QUINTERO, Pablo. *Crisis civilizatoria, desarrollo y Buen vivir*. Buenos Aires: Del Signo, 2014; *Alternativas descoloniales al capitalismo colonial/moderno*. Buenos Aires: Del Signo, 2015.

começam a ser formuladas. Uma contribuição interessante é a de Boris Marañón³⁵ e do grupo de trabalho por ele coordenado. A partir de uma crítica às tendências mais notórias do diverso campo das propostas de economias alternativas, o estudo empreende o duplo movimento de recapitular as tendências críticas da economia moderna e, ao mesmo tempo, visualizar novos marcos analíticos e propostas daquilo que Marañón denominou “solidariedade econômica”. Essa pesquisa terá continuidade com Pablo Quintero,³⁶ que, da perspectiva descolonial, explora novas formas de imaginação e de produção não capitalistas.

PABLO QUINTERO é doutor em Antropologia (Universidad de Buenos Aires), mestre em Ciências Sociais (Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales), graduado em Antropologia (Universidad Central de Venezuela). Foi diretor do Grupo de Estudos sobre Colonialidad (GESCO) da Universidad de Buenos Aires entre 2006 e 2012. Tem desenvolvido a maioria das suas pesquisas sobre economias, relações interétnicas, colonialidade junto às populações indígenas da América Latina. Atualmente é professor do departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Seu último livro é *Alternativas descoloniales al capitalismo colonial/moderno* (Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2016).

PATRICIA FIGUEIRA é doutoranda em Antropologia Social e bolsista de doutorado e professora da Universidad de Buenos Aires. Graduada em Ciências Antropológicas. Pesquisadora do Grupo Economias Alternativas e Bem Viver do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO). Pesquisa sobre educação, movimentos sociais e colonialidade com comunidade Qom no Chaco argentino. Foi parte do Grupo de Estudos sobre Colonialidad (GESCO) da Universidad de Buenos Aires entre 2006 e 2012.

PAZ CONCHA ELIZALDE é doutoranda em Antropologia Social e bolsista de doutorado da Universidad de Buenos Aires, onde fez graduação em Ciências Antropológicas. Pesquisadora do Grupo “Economias Alternativas e Bem Viver” do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO). Há mais de dez anos pesquisa com organizações indígenas do povo Qom no Chaco argentino sobre temáticas relacionadas a território/territorialidade, colonialidade e direito. Foi parte do Grupo de Estudos sobre Colonialidad (GESCO) da Universidad de Buenos Aires entre 2006 e 2012.

ESTEFANÍA PEÑAFIEL LOAIZA é artista, nasceu em Quito, Colômbia. Atualmente vive e trabalha em Paris, França. Sua prática encontra motivação constante em questões relacionadas a seus próprios deslocamentos e mudanças. É formanda em artes pela Pontificia Universidad Católica del Ecuador e pós-graduada na Beaux-Arts (ENSBA). Participou das exposições at image/ image art center (errements, Orthez, 2018); at the 3bisf art space (détours (la loterie à Babylone), Aix-en-Provence, 2018); in 2016 at FRAC Franche-Comté (à rebours, Besançon); at La Maison Salván (casa tomada, Labège); at the CPIF (fragments liminaires, Pontault-Combault, 2015), entre outras.

Traduzido do espanhol por Sérgio Molina e Rubia Goldoni

Texto adaptado de: “Estudios Decoloniales: Un Panorama General”. KULA.